

Entrevista com Gaudêncio Frigotto



Gaudêncio Frigotto em conferência no seminário de lançamento da REGGEN, na Universidade Federal do Ceará. Foto: Érica Soares

Gaudêncio Frigotto é professor titular em Economia Política e Educação na Universidade Federal Fluminense (aposentado). Atualmente professor no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Nesta entrevista, Frigotto traz perspectivas novas para a relação educação e trabalho, que reflete sua longa trajetória de pesquisa sobre o tema, destacando a retomada do marxismo e a ação dos movimentos sociais anti-capitalistas. Trata-se de entrevista oral concedida em março de 2014 com citações não literais das obras referenciadas.

C&LC: Como se deu a sua aproximação com o marxismo, que é um referencial teórico fundamental na sua produção teórica?

GF: Sou de uma geração que nasceu no final dos anos 40 e, portanto, quando cheguei à juventude – 16, 17 anos – vivia-se o contexto do golpe civil militar. E, portanto, a minha inserção no marxismo foi através de intelectuais vinculados à luta social e

vinculados, à época, ao Partido Comunista do Brasil. Objetivamente eu comecei a ler Marx participando de um grupo de jovens coordenado por um engenheiro, que tinha como objetivo juntar recursos para os exilados e para os que estavam na guerrilha. E começamos a ler obras, digamos, mais usuais de Marx, como o Livro 1 de *O Capital*, *A Ideologia Alemã*, *Luta de Classes na França*, *18 Brumário de Luís Bonaparte*. Mas, eu diria que era ainda uma leitura um tanto quanto dogmática, porque eu saía de um internato de padres. Mas foi uma iniciação muito importante.

Na universidade que me formei em filosofia e pedagogia não estudava Marx, aliás, a universidade brasileira nessa época não podia estudá-lo, pois era extramente vigiada. Eu fui retomar, sistematicamente, a leitura de Marx depois, em parte no mestrado, mas muito pouco, porque isso foi em meados e fins dos anos 70, aqui no Rio de Janeiro, já em contato com outros quadros. Mas mais sistematicamente estudei Marx e o marxismo no meu doutorado. Foi no doutorado com o Professor Demerval Saviani e os cursos eram *Marx 1*, *Marx 2*, *Marx 3* e depois, *Gramsci 1*, *Gramsci 2* e *Gramsci 3*. Um momento fundamental. Isto sempre vinculado ao movimento social. Já na juventude participava, lá no sul, do movimento de organização operária, dos movimentos do campo e do movimento comunitário de base.

Minha formação tem esse duplo caminho: a leitura sistemática das obras e o vínculo com os movimentos e lutas sociais. E, na minha prática dos cursos de mestrado, doutorado e graduação é a perspectiva que eu utilizo. Digo para os meus alunos: cada um com os seus demônios, eu vivo com os meus! O papel do professor não é doutrinar, mas como a teoria é um instrumento de leitura da realidade, e não uma questão de voto, trata-se de ajudar a ter uma compreensão de como se produz a realidade historicamente. Vale dizer, como se produz a desigualdade, a exploração, a violência, etc. A minha ferramenta é o materialismo histórico como concepção da realidade, método de entendê-la e horizonte de práxis.

Entendo que é este o caminho que eu tenho tomado e, como sublinho para os meus alunos, depois que você percebe como determinado fenômeno humano se produz socialmente, você não pode negar! Do meu ponto de vista, concordo muito com a visão que Fredric Jameson coloca como uma conclusão sua: “o marxismo não é a única teoria que faz a crítica do capitalismo, mas é a única que a faz na raiz e na perspectiva de superá-lo.” Nós encontramos outras visões que fazem a crítica ao capitalismo, pós-modernos, liberais mesmo que fazem críticas internas, mas na perspectiva de refuncionalizá-lo. Esse é o caminho que teve uma entrada e um percurso formativo e é o percurso que eu estou fazendo há pelo menos 30 anos.

C&LC: Como você caracteriza a atual crise do sistema capitalista? Qual é o significado dela?

GF: A minha tese de professor titular na Universidade Federal Fluminense denomina-se *Educação e Crise do Capitalismo Real*. E por que esse título? Porque à época só se falava da crise do socialismo realmente existente. E o capitalismo tem sete séculos desde os seus primórdios. E, é, por excelência, uma sociedade que por suas contradições produz crises e se nutre delas. E a crise é inerente à sua própria forma de ser.

Em que consiste isso? É um sistema que tem necessidade de desenvolver incessantemente as forças produtivas, mas dentro de uma “virtude perversa” de extorquir, expropriar, explorar trabalho alheio, tirar mais-valia. Por outro lado, é um sistema que

estimula competição entre capitalistas. Competição em que sentido? Quem chega primeiro, do ponto de vista do mercado, para realizar os serviços e as mercadorias que engendram a exploração, leva vantagem e pode falir o outro. O grande problema do capitalista é que a mercadoria ou o serviço que detém a exploração tem que chegar ao mercado e realizar o lucro. Uma das faces da possibilidade permanente da crise é, pois, a desconexão entre o momento de produção da mais-valia e o momento de realização da mais-valia.

Outro elemento da crise de caráter político social é que seu ímpeto poderoso em estimular avanços das forças produtivas na competição leva ao que Schumpeter denominou “destruição criativa”; ao mesmo tempo é um sistema que é antitético à socialização do que se produz. Agora mesmo, eu estava lendo uma entrevista em que um assessor da Bayer dizia o seguinte: ora bolas, vocês reclamam que a Bayer cobra alto os preços dos remédios, mas vocês têm que saber que a Bayer produz não para índios; é para quem pode comprar! Então é um sistema que gera também revolta, organização dos trabalhadores, luta de classes, revoluções etc. A crise é expressão disso.

O capitalismo já teve grandes picos de crise. E um dos grandes picos é aquilo que o Eric Hobsbawm analisa na *Era dos Extremos. Somente* no século XX tivemos duas guerras mundiais de tremenda destruição de milhares de vidas humanas e de forças produtivas; uma poderosa revolução socialista; o nazismo e o fascismo. Neste contexto a inteligência do capital entendeu que era preciso entregar os dedos, para não entregar os braços: é o que nós conhecemos como keynesianismo, Estado de Bem-Estar Social, que são formas de temporizar ou de não resolver a crise, mas colocar elementos que a estanquem e a coloquem depois em outro patamar.

É interessante, hoje se fala em *sociometabolismo do capital*, na época em que eu fazia o doutoramento se falava em *sociabilidade do capital*. Foi, paradoxalmente, quando o Estado regulou o capital que, como sublinha Hobsbawm, tivemos “a fase áurea do capitalismo”. Capital e capitalismo são duas coisas distintas numa unidade. O capitalismo é uma sociedade que tem como sua essência a forma capital. O capital é uma relação social que gerou acúmulo (acumulação primitiva) nas sociedades pré-capitalistas, como o demonstram Marx e Engels e perdurou dentro do socialismo real como assinalam as análises de István Mészáros. Quando o capitalismo, por meio da nacionalização da moeda, mediante os bancos nacionais e a estatização dos setores estratégicos da economia, controlou, ainda que relativamente, a força cega do capital, teve um tempo de maior estabilidade e equilíbrio. Ele fez isso porque, o credo de que a livre concorrência levaria ao equilíbrio, do ponto de vista mesmo do capitalismo, levou a guerras, levou a confrontos etc.

Pois então, o keynesianismo foi essa busca de regular o capital, para que o capitalismo não desse maior expansão à luta socialista. Mas o capital é uma relação indomável e sem ética, a não ser a ética do lucro; a luta de cada um contra todos e, portanto, vão aparecer no vocabulário algumas palavras que demarcam esse processo de ruptura com o controle, pois o capital não quer controles externos, o capital quer liberdade. A primeira palavra ou categoria que surgiu foi *modernização*; e o que é a modernização senão abrir novas fronteiras para o capital? A modernização do campo aqui no Brasil, o que fez? Criou o agronegócio, abriu fronteiras para a expansão do capital. Por outra parte favelizou as grandes e médias cidades e produziu um contingente de milhares de trabalhadores sem terra.



A segunda categoria ou vocabulário é *multinacionais*. O que é uma multinacional? É a forma que o capital encontrou de burlar aquilo que foi “o pacto” para o capitalismo ter vida longa. Organização de estados nacionais, com suas fronteiras, suas legislações e organismos internacionais que fariam a arbitragem para que existisse uma relação de equilíbrio relativo entre os países. Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Trabalho foram as organizações cuja intenção formal era socorrer e não deixar o capitalismo degenerar e abrir flancos à expansão do socialismo. Mas a multinacional foi uma estratégia de transferências de lucros dos países de capitalismo “periférico” e dependente para os centros hegemônicos do Capital.

Um amigo que estudava na Alemanha nos anos 70 me contou a seguinte situação: hoje eu não fiquei bem, o café da manhã não me descia porque o presidente da Volkswagen dizia na televisão: nós tivemos grandes prejuízos aqui, mas grandes lucros no Brasil, na África etc. Se fosse pela Alemanha nós teríamos que fechar certos setores, mas com os ganhos que nós tivemos ali nós poderemos manter os salários e fazer novos projetos.

Quando estava fazendo faculdade, no fim dos anos 60, já se falava em outra palavra: *transnacional*. Havia um debate, de que tinha que se separar a gestão política das nações, da gestão do capital. Então se falava da capital do capital, em Genebra, Suíça, uma espécie de campo da sujeira do mundo, secreto. Lá se daria o governo do capital sobre o mundo. Esse tempo chegou com a ideologia da globalização. Nos fins dos anos 70 e começo dos 80, começou a se falar em *globalização*, Chesnais diz *mundialização do capital*, enfim, trânsito livre para o capital. A nação, neste sentido como salienta Eric Hobsbawm, do ponto de vista de soberania econômica, já não existia no final da década de 1950.

Pois bem, esse processo vai gerar crises de outra natureza. Uma das questões cruciais é que o grande lucro do capital não é mais sequer na produção de mercadorias e serviços, é a especulação ou jogatina financeira. A economista Leda Paulani deu uma conferência em 2008, na Fundação Oswaldo Cruz, e citou o seguinte dado: de 1986 a 2006, medidos pelo PIB, a economia real, - aquela que produz alimentos, que produz casas, que produz livros, que produz revistas, que produz serviços, aulas etc. - cresceu na ordem de 400% e a economia fictícia 1300%. Então, este descolamento gera uma insegurança para o próprio capital. As crises de 2007, 2008 e 2010 se deram pela compreensão de que a massa de capital fictício, isto que não tem lastro real, é exponencial e se todos os que têm seu dinheiro nos bancos fossem sacar, quase a metade não teria o que sacar. E o capital se move em cima de uma confiança ou pseudoconfiança e manipula isso. As agências que dão nota e rebaixam não podem ser críveis porque deram nota alta a estes que geraram a crise.

Vários autores nos ajudam a entender a especificidade da crise atual. Istvan Mészáros dá várias características: é uma crise que não afeta só uma parte do mundo. As outras crises afetavam, mais de forma indireta, pois eram mais regionais; então hoje ela é universal. Também a crise não afeta só o econômico, afeta todas as esferas da vida. Hoje a crise do trabalho/emprego é brutal. A máquina, como Marx dizia, na mão do capitalista é tortura para o trabalhador, porque ela tem virtualidade de liberar tempo livre e libera tempo de desemprego, de subemprego, de superexploração daqueles que estão empregados. Isto ele via já no século ao analisar a maquinaria. Uma crise que não se limita só a um ponto, uma crise na Malásia redundando em reflexos em todo o mundo com pesos diferentes.

Outra análise importante é a de David Harvey. Ele vai mostrar que o capital não sabe resolver as crises, cria as crises e as desloca. E nós sabemos quem paga o preço! E ele vai nos dar elementos interessantes para entender a natureza da atual crise. A crise de 1929 foi resolvida pelo estímulo à economia real. O que é isso? Keynes chegou a dizer que era possível gerar emprego, nem que fosse abrir e fechar buraco. E o Henry Ford que estava interessado em vender carros postulava que era preciso que o trabalhador ganhasse para comprar o que produz; no fundo se tratava da ideia de economias de produção em larga escala e de consumo em larga escala.

Trata-se de um contexto onde ainda há uma perspectiva de que há possibilidade de integrar, ainda que explorando. Com isto dinamizava-se o setor produtivo. A própria guerra tem sido usada para destruir forças produtivas. Só que com a apropriação da ciência e da técnica, que o capital tem hoje, ele pode fazer isso como pouca gente, de um lado e, de outro, no contexto de hoje, a economia não é mais movida, sobretudo, pela economia real, mas pelo cartão de crédito e pela hipoteca como sublinha Harvey. Esse é outro sinal da forma diversa do capital enfrentar as crises que produz. Formas

que cobram da classe trabalhadora mais sacrifícios, mais austeridade, mais perda de direitos.

Por exemplo, no Brasil, aproximadamente 60% das famílias, em especial de baixa renda, estão comprometendo até 50% de sua renda mensal. É falso, então, achar que a crise passou. Pelo contrário, ela vem se agravando e parece que ninguém quer ver os sinais para onde a mesma vai nos levar e os custos humanos que disto deriva. Coincidentemente, estava lendo dois textos, uma crônica do Luis Fernando Veríssimo com o tema - o alarme. Parte do filme *2001- Uma Odisseia no Espaço*, no qual o astronauta a caminho de Júpiter, vê uma pedra lisa, um monolito no espaço. Para Veríssimo a pedra lisa no espaço é um sinal. Ela pode desabar e fazer estragos. Daí ele se pergunta se os judeus na Alemanha não perceberam algum sinal daquilo que aconteceu com o nazismo. Ou quando perceberam já era tarde? E se pergunta se nós no Brasil estamos lendo os sinais ou se quando nos damos conta já é tarde. Eric Hobsbawm, no livro *Tempos Fraturados*, comentando um texto do Karl Kraus, *Os Últimos Dias da Humanidade*, chamava a atenção para o fato de que os judeus na Alemanha já estavam tão integrados que já não se sentiam como judeus. Como é que eles não perceberam os sinais do que seria o holocausto e os delírios de Hitler? Conhecer os sinais e os vários aspectos da crise deve servir para nos prepararmos para enfrentá-la de uma forma diversa da inteligência do capital que apenas a desloca. Nossa tarefa é outra. Trata-se de desenvolver força política para superar as relações sociais capitalistas.

C&LC: Como esse debate sobre a crise está refletido no campo educacional?

GF: Esse livro, que eu me referi, que é a tese de titular – *Educação e Crise do Capitalismo Real* - é a continuidade de outro livro produzido dez anos antes que é *A Produtividade da Escola Improdutiva*. Quando é que a educação entra como formadora de capital? Adam Smith e o próprio Marx analisam que o trabalhador formado para um trabalho complexo tem um custo maior que o trabalhador para o trabalho simples. Há um componente formativo de construção e apropriação de conhecimento que se relaciona, de forma mediada, com os processos de desenvolvimento e, também, com os processos de consciência social, consciência política etc. Mas na esteira da análise de Marx é preciso perguntar-se: que formação ou educação e que conhecimento para que sociedade? A educação e o conhecimento científico sempre serão uma disputa em uma sociedade de classes.

Do ponto de vista do pensamento liberal, econômico-liberal, quando é que a educação entra como um fator de produção? Entra, justamente, no momento em que o próprio keynesianismo dá sinais de que ele não responde ao processo de desigualdade entre nações e desigualdade intranações e de desigualdade de classes e frações de classe. Porque, como bem observa o historiador Eric Hobsbawm no livro *Era dos Extremos*, o Estado de Bem-Estar Social atingiu, mais ou menos, duas dezenas de países. Ali sim, houve ganhos da classe trabalhadora, no contexto, até superiores àquilo, que na revolução socialista, como é o caso da URSS, podia oferecer. Isto nos permite entender o que Perry Anderson diz que lá onde existiam as condições objetivas de uma revolução socialista, esta não ocorreu, porque foram sequestradas, foram tomadas as condições subjetivas e lá, onde existiram as condições subjetivas, houve o bloqueio, sempre, das condições objetivas. O próprio Marx disse que o socialismo tem que começar em algum lugar, mas tem que expressar um movimento de superação, em nível mundial, das relações sociais capitalistas.

Na década de 1950, a grande preocupação do imperialismo, especialmente depois da Revolução Cubana – no início revolução popular e depois socialista, era a possibilidade de alastrar-se por toda a América Latina. Não por acaso a ideia de capital humano se desenvolve nos Estados Unidos, com Schultz, e na Inglaterra, com Becker. A pergunta na lógica empiricista era: se os fatores, até então, trabalho e capital, não explicavam, não ajudavam a diminuir a desigualdade entre nações, a desigualdade entre indivíduos, que outros fatores poderiam explicar, para diminuir a desigualdade entre nações e entre indivíduos? Foi aí que o Schultz parte de uma observação empírica nos EUA de que as famílias que investiam em saúde e educação – olha que são dois elementos da reprodução da força de trabalho (ideológica e técnica) – tinham maior acesso à mobilidade social ou estavam em posição, na sociedade, mais elevada.

A partir desta observação empírica, levanta a hipótese de que investir em educação e saúde é a forma, privada ou pública, dos países para saírem do subdesenvolvimento ou dos pobres saírem da pobreza e terem mobilidade social. Ele não continuou com a questão da saúde porque dentro de seu modelo positivista e empiricista era difícil mensurar saúde. Então ele abandonou saúde e pegou a educação. Ele pegou cem países e colocou, de um lado, o Produto Interno Bruto e, do outro lado, os anos de escolaridade e encontrou uma correlação quase perfeita, entre maior desenvolvimento e maior escolaridade.

Mesmo tendo havido um debate interno desta “teoria” que deu a Schultz o Prêmio Nobel de Economia em 1978, pois a existência de correlação não indica o que é causa e efeito. Mas o que ficou para uso político é que o caminho para sair do subdesenvolvimento era que os países investissem em educação e os indivíduos e famílias também assim o fizessem. Trata-se de uma visão da realidade, como sublinhava Marx, que não é maquiavélica, mas mais grave, é uma visão da classe dominante e de seus intelectuais que veem os efeitos, mas não veem o que produz o efeito. Ou seja, veem a disfunção, mas não o que a produz. Eles não se fazem a pergunta: ora, mas espera aí, os países pobres são pobres porque têm pouca escolaridade ou têm pouca escolaridade porque são pobres? E os pobres são pobres porque têm pouca escolaridade, ou têm pouca escolaridade porque são pobres?

Ao fazer uma análise histórica a dúvida se esvai. Nós fomos colônias da Holanda, Inglaterra, França e Portugal e aí sem contar o imperialismo e tudo mais. Claro que a educação tem um papel, também no desenvolvimento e na mobilidade social, mas é preciso que os países de capitalismo dependente deixem de ser extorquidos e possam oferecer educação de qualidade e oportunidades de empregos de valor agregado. Assim mesmo, dando igual aos desiguais, é mantê-los em desigualdade. Sem considerar as relações assimétricas entre países e as relações de classe é falso atribuir à educação o poder mágico de superar a desigualdade. O que se vê é que a desigualdade aumentou no mundo. Hoje, a ciência está cada vez mais nas mãos de menos corporações do capital e é manipulada de várias formas. A riqueza está cada vez mais concentrada.

Vale ressaltar que, até a década de 70, os liberais, economistas, sociólogos, filósofos, politicólogos acreditavam que, de fato, a educação era realmente um instrumento de saída da miséria e de integração na sociedade. Na década de noventa, com a crise do socialismo, realmente existente, e com a apropriação privada de um salto tecnológico que dá uma mobilidade brutal ao capital, *on line*, o capital ficou sem força antagônica ou com uma força antagônica cada vez mais frágil. Dessa forma, o capital está mostrando ao mundo que ele não tem mais limites. É por isso que voltou a teoria

liberal-conservadora com o nome de neoliberalismo. Claro, não é a mesma teoria liberal, é mais grave, é mais violenta. Então, o que é o neoliberalismo, senão a volta à crença do livre mercado, ao mercado puro? Nenhuma regra que limite o mercado e o capital. Friedrich Hayek e demais componentes, do que se conheceu como o grupo de Montpelier, postulavam que as teses de intervenção do Estado, planejamento, políticas públicas e o socialismo caminhavam em sentido oposto ao que é a natureza humana, porque formariam pessoas dependentes, não competitivas, portanto que não gerariam o progresso e o desenvolvimento. Esta é a tese central do livro de Hayek *O Caminho da Servidão*.

E quem transformou por primeiro o credo neoliberal numa agenda política foi Margaret Thatcher. A síntese de seu pensamento pode ser derivada da frase emblemática que dizia não ver a sociedade, mas indivíduos. Logo não há sociedade, há tão somente indivíduos. E aí não tem porque ter sindicato, representação política; uma nova linguagem que condensa a violência ou vingança contra classe trabalhadora passa a orientar decisões políticas, com apoio diuturno das grandes corporações da mídia. Flexibilizar as leis trabalhistas, fim dos sindicatos, ajuste fiscal, superávit primário, blindar o banco central da política. Isto equivale dizer a única política que vai existir é a do livre mercado.

No campo educacional você vai identificar conceitos como o de *qualidade total*. O que é *qualidade total* do ponto de vista do capital? Uma mercadoria que é produzida dentro da especificação em menor tempo, em menor custo e que, quem a produz, faça o que se manda e que ela se realize o mais rápido no mercado. Qualidade total do ponto de vista filosófico é um absurdo. A palavra *qualificação* tinha por trás de si um direito: você se qualificava como metalúrgico, como bancário, como professor e você tinha o sindicato que defenderia teus direitos e de atuar para o que se qualificara; agora não, tem que ser *flexível*, tem que ser *polivalente*, tem que se formar por competências individuais. Estas quem as dita é o mercado e *emprego*, que também era historicamente entendido como um direito agora tem que ser esquecido. O que temos é a promessa de *empregabilidade*. Empregável é aquele que lê as características que o mercado quer e se prepara para isso. E se o mercado não quer, é porque ele não se preparou adequadamente. E se você não encontrar campo de emprego, aí você pode ser empreendedor.

Há, pois, uma regressão brutal na sociedade e na educação. Capital humano é uma regressão do sentido de ser humano, sociedade, trabalho e de educação. E hoje, dentro do ideário do neoliberalismo, há uma regressão da regressão. Ou seja, politicamente, se diz com todas as letras: nem todos vão ser incluídos; vão ser incluídos os competentes. O pensamento e as políticas mercantis retornam hoje, mais do que no período pós-guerras e a revolução socialista, quando o Estado assumiu uma política mais universal. Hoje, o Estado é tomado pelo critério privado na educação, na cultura, tudo é tomado pelo mercado praticamente. Ou seja, a lógica mercantil penetra todas as relações sociais e atinge todos os aspectos da vida humana. Torna-se atual o que Marx e Engels assinalavam sobre o estado como um “comitê da burguesia”.

C&LC: Você pode falar dessa disputa em torno dos referenciais teóricos?

GF: A crise mais profunda e universal do sistema do capital e seus efeitos sobre a vida de milhões de pessoas, agora nos países de núcleo orgânico do capital, trouxe de volta mais amplamente o debate do marxismo. Vários autores nos mostram isso.

No livro *Como Mudar o Mundo*, Hobsbawm mostra como o marxismo, não só por marxistas, é lido hoje, mas até por liberais que começam a ter que ler Marx como forma de entender a crise que produzem e não sabem resolver. Em 12 de outubro de 2012, nós estávamos realizando um curso com Elmar Altvater da Universidade Livre de Berlim e ele nos chamou atenção que lera que naquele dia na Feira de Frankfurt o livro mais vendido tinha sido o *Das Kapital*. Penso que devemos atentar para o que assinala Florestan Fernandes: *a história não se fecha e nem se abre por si e nunca se fecha para sempre. São os homens, as mulheres em luta, em conflito que abrem ou fecham os circuitos da história.*

A crise do socialismo, realmente existente, teve um efeito brutal sobre intelectuais e organizações políticas. No plano político, é só nós olharmos o que aconteceu com os partidos comunistas no mundo etc. Entretanto, isso é uma crise, e crise não é o fim. Crise também pode ser um momento de superação. Mas teve uma grande debandada, ou para a direita, não tantos, marxistas que foram defender o Clube de Roma, assessorar associações do capital. Mas a grande debandada mesmo foi por uma fuga da história, aquilo que conhecemos como os referenciais pós-modernos. Ou seja, você deixa de analisar a sociedade, a estrutura de classes e passa a analisar as particularidades nelas mesmas.

Não que as particularidades não devam ser trabalhadas, mas sempre dentro de uma relação com mediações mais historicamente universais. O que se elide é o que é comum aos seres humanos e a realidade da desigualdade de classe. Isso também mostra que esse instrumental não lê o tempo presente. Por isso que o instrumental marxista é o que nos permite não apenas entender como a realidade se produz, mas da necessidade de superar as relações classistas, fonte de todas as formas de violência.

Marx, Engels e outros autores, como Lênin e Gramsci nos dão a compreensão de que nós temos que trabalhar, ao mesmo tempo, a realidade social no plano histórico-ontológico, no plano epistemológico e na perspectiva da práxis.

Ainda não tenho visibilidade clara de como isso está penetrando nas organizações, nos movimentos sociais, nos partidos políticos de esquerda. Gramsci tinha uma fórmula política muito interessante: do ponto de vista da luta revolucionária, nós temos que ter três elementos que vão juntos: 1º) uma leitura correta do real, a relação entre o conjuntural e o estrutural, como se movem as forças; 2º) uma vontade política de mudar e 3º) organização, organização, organização, para poder mudar!

Penso, então, que há um dado muito positivo na retomada da leitura de Marx, Engels, Gramsci e Lênin, autores que nos dizem: a humanidade se quer ter futuro, ela não tem que ir na linha de reformar o capitalismo, o capitalismo não é reformável, mas de superá-lo. Mas, paradoxalmente, no plano da organização, mesmo aqui no Brasil, nós estamos com um campo da esquerda muito fraturado, não é verdade? O desafio que se coloca, até por responsabilidade ética, nos interpela para uma autocrítica. Fazer aquilo que a geração do Florestan Fernandes fez. Num texto chamado *A Geração Perdida*, Florestan se pergunta: o que queríamos, onde erramos, porque erramos e como aprender com o erro. O erro, sublinha, não foi lutar pela democracia e nem pela nação; o nosso erro foi tentar fazer isso com uma minoria prepotente e uma maioria desvalida. O papel do intelectual é de outro calibre, tem que estar com o povo, para que o povo adquira a consciência de fazer a revolução.

Talvez essa autocrítica possa nos fazer ver que há no Brasil grupos e movimentos em todos os espaços que de forma diversa lutam contra o que é dominante nas relações

de classe no Brasil. Há grupos que têm o marxismo como perspectiva epistemológica, política e humana em todo o Brasil. O que precisamos é recuperar a vontade política e a organização do campo de esquerda com menos divisionismos e mais generosidade e solidariedade. Trata-se de um tema histórico complicado no campo da esquerda, mas penso que nós temos que enfrentar e aprender com o erro.

C&LC: Que projeto deve ser defendido para ocupar o lugar do capital?

GF: Concordo em gênero, número e grau com o historiador Eric Hobsbawm quando ele diz o seguinte: socialista é aquele que tem as pessoas em primeiro lugar e as pessoas mais simples. E acrescenta: nem o mercado, nem a igreja, nem uma ONG, trabalham com a dimensão da universalidade dos direitos. Então, o socialismo está na agenda. Eu acho que os marxistas não podem transigir de que o socialismo se coloca como meta fundamental para que a humanidade tenha futuro. Nós temos e teremos o desafio de conquistar mentes e corações para dizer que a saída possível para que não se naturalize cada vez mais a mutilação de direitos e a mutilação da vida e o extermínio mesmo, de um lado, e por outro que não se dizime as bases da vida – meio ambiente etc. – a agenda do socialismo se impõe. Evidentemente, que é um socialismo que tem que aprender com os erros e acertos do próprio socialismo do século XX. O capitalismo demorou sete séculos para se formar e nós não podemos admitir a ideia de que o socialismo, a experiência socialista soviética, ou chinesa ou cubana sejam um fracasso. Elas podem ter derrotas, mas o socialismo real pautou o século XX e pautou o capital. Até o próprio capitalismo, do ponto de vista das suas contradições, piorou; ele era mais vigilante em suas contradições. Então, o socialismo, como assinala Altvater tem que evitar o culto ao personalismo. Sempre vão existir intelectuais orgânicos, como mostrou Antônio Gramsci, mas isto não se confunde com culto a personalidades. Segundo, tem que trabalhar liberdade e igualdade numa mesma intensidade. Claro que nós entendemos que o socialismo é uma transição para o comunismo e nesta transição caminhamos na contradição. Outro aspecto central é um combate ao centralismo e ruptura com a lógica de progresso e consumismo sem fim. Hobsbawm coloca como o grande problema do século XXI a seguinte questão, mais ou menos literal: qualquer sistema, seja um sistema mecânico ou um sistema biológico ou psíquico, ele não pode viver em constante desequilíbrio. Se isto ocorrer ele se decompõe. Então, pergunta ele, como sustentar um sistema de produção em que a sua essência é o desequilíbrio e a produção sem fim e imprevisível? Então o socialismo não só está na pauta, ele é uma questão urgente para a humanidade. Isto é o que eu leio e eu não sei se isto virá sem dor, não acredito nisso. E até pelas razões que colocava antes, parece que muitos de nós perdemos a capacidade de ler os sinais, os alarmes. E quando a gente perceber, talvez seja tarde e daí advém a dor, o sofrimento para muitos.

A tese central do livro de Elmar Altvater, *O Fim do Capitalismo como o Conhecemos*, assinala que um dos gargalos será a questão da energia, pois tudo se move e gasta energia e os bens fósseis são finitos. O Brasil tem o maior lençol água doce do mundo. Estamos vendo, na maior cidade do país, São Paulo, a crise da água. Marx nos estimularia a ver os sinais subjacentes à crise da água, da energia, da fome, do desemprego, da violência, etc. A potência do método de Marx era ver a lei dos fenômenos e ver como essa lei dos fenômenos se desdobrava nos fenômenos sociais, históricos.

C&LC: Deixe uma mensagem aos leitores da Revista Ciência & Luta de Classes.

GF: Primeiramente, dizer a importância do trabalho e do instrumental que vocês estão implementando na batalha das ideias pela luta do socialismo. Acho que a batalha das ideias se faz no pequeno e no grande. E hoje, o texto escrito é importante, mas o digital se mostra um espaço importante. O que talvez eu veja importante como mensagem é que aqueles que têm uma formação marxista e entendem que, como intelectuais, como pessoas que atuam nos movimentos sociais, nas lutas políticas e nos movimentos de luta por direitos, não podemos transigir em valores, acho que esse é um fundamento primeiro. E combater, aquilo que Hobsbawm chama de fortalezas do mercado e do capital. O mercado exclui, assinala o autor, como o gás carbônico polui. Sustentabilidade em todas as esferas da vida só haverá com o fim da sociedade do capital, da lógica mercantil. Nosso papel não é de doutrinar, mas é de dar elementos de formação à classe trabalhadora para que ela possa mudar, como indicava Gramsci, o panorama ideológico de nosso tempo. Em outros termos, fazer a revolução necessária. E isso nos cobra luta em várias frentes. Nossa tarefa é, por diferentes mecanismos, cumprir aquilo que o José Martí dizia e que li na entrada de uma escola em Havana: “hora de governar não é hora de começar a aprender, tínhamos que ter aprendido antes”. O socialismo não virá por milagre, mas por construção humana. E o socialismo está sendo construído, na contramão, nas contradições e nas lutas. Cabe-nos, neste processo, a crítica sem concessões à ciência e às fortalezas do capital e a autocrítica como um elemento que nos mantém não dogmáticos, não donos da verdade, pois o grande desafio do campo socialista, de esquerda, é uma agenda que una forças.